



Levantar, de forma panorâmica, a produção de revistas ilustradas oitocentistas, entender o papel dessas publicações na sociedade brasileira e compreender a disponibilidade e o uso da tecnologia gráfica permitiram inúmeras descobertas e o entendimento das mudanças gráficas implantadas no final do século XIX por Julião Machado. Espera-se que as análises e ponderações aqui apresentadas possam contribuir, de forma abrangente, para que outras pesquisas sejam desenvolvidas acerca da produção das revistas ilustradas brasileiras.

A trajetória de Julião Machado foi explanada em sua breve, misteriosa e difícil biografia e, principalmente, na produção das revistas *A Cigarra* e *A Bruxa*. Nesses textos, buscou-se apresentar o talento do grande artista gráfico e as minúcias de seus projetos. Ao implantar um novo modelo de projeto gráfico, de construção de imagens e de impressão das revistas citadas, Julião entrou para a história da imprensa brasileira, sendo recorrentemente citado por diversos autores, como Herman Lima e Orlando da Costa Ferreira. Contudo, ainda não havia sido realizada uma análise aprofundada de seu trabalho.

Além das duas revistas em que mais revolucionou a feitura gráfica de sua época, foi investigado o legado deixado por Julião Machado para outros artistas gráficos, com destaque para a revista *O Mercúrio*, que

manteve o padrão de produção de imagens iniciada por ele. Para investigar até que ponto o artista gráfico influenciou outros profissionais, foram analisadas, também, páginas da revista *O Tagarela*, publicada no início do século XX.

Diversos *designers*, historiadores e pesquisadores publicaram importantes estudos sobre a história do *design* no Brasil na última década. Inúmeros acervos e artistas gráficos vêm sendo estudados sob a ótica do *design*. Essas pesquisas buscam o entendimento sobre como o campo se desenvolveu e se consolidou no Brasil, a forma de trabalho dos profissionais da área, a produção das peças gráficas, as influências estéticas e as escolhas pragmáticas dos projetos. Enfim, muitas descobertas e estudos recentes que chamam a atenção por desvendar questões até então deixadas de lado.

Julieta Sobral, por exemplo, levantou a bandeira pela inclusão do “*designer*” J. Carlos na história do *design* brasileiro, pois antes ele era visto apenas como ilustrador. Arrolando inúmeros exemplos que demonstram seu pensamento projetual, as diferentes configurações gráficas que produziu para públicos distintos e o planejamento da produção que visava o aproveitamento do parque gráfico e diminuição de custos, Sobral considera inegável a atribuição a J. Carlos de um perfil de projetista:



*A não incorporação, pelo universo do design gráfico, de J. Carlos, K. Lixto, Julião Machado e todos os outros artistas gráficos que aqui existiram antes de 1950 nos devolve ao paradoxo perverso de um país com uma história jovem que, em nome da construção de uma identidade, de uma memória, de uma tradição, insiste em diminuir, menosprezar, sua produção, ao invés de incorporá-la (SOBRAL, 2007, p. 23).*



Nesta tese, já não se fez necessário repetir toda a argumentação e justificativas para atribuir a Julião Machado uma atuação similar. Após essa recente mudança de paradigma sobre os estudos relacionados à memória gráfica nacional, pretendeu-se contribuir com o estudo da produção de Julião Machado, ainda ao final do século XIX, empurrando mais para trás esse questionamento sobre as origens do projeto gráfico no Brasil. Constata-se que, já na década de 1890, Julião atuou como ilustrador, artista gráfico, diretor artístico, projetista visual, enfim, trabalhou como *designer* de diversas publicações, ainda que o termo não fosse empregado à época. Apesar do anacronismo, considera-se importante afirmar que essa atividade existiu, independentemente do nome que se dê a ela. Conforme argumenta Rafael Cardoso:



*Não existem impressos sem leitores e projetistas; e é comum descontar o fato de que todo projetista de objetos gráficos é também leitor e eventual consumidor de produtos editoriais. Os projetos não nascem do nada, mas são frutos de uma cultura visual e material condicionada por práticas de leitura, venda e coleção (CARDOSO, 2009, p. 73)*



Conhecer a trajetória de Julião Machado e sua produção oitocentista, principalmente

n'A *Cigarra*, n'A *Bruxa* e n'O *Mercúrio*, permitiu o entendimento de questões relacionadas à produção gráfica, ao desenvolvimento da imprensa brasileira, à influência das produções francesas, ao impacto dos avanços na tecnologia gráfica, ao modo de produção das revistas ilustradas, assim como do papel dessas publicações na mediação entre o público leitor e as novidades implantadas na modernidade, consolidada junto à República. Mais uma peça a ser acrescentada ao quebra-cabeça que começou a ser montado com a publicação de estudos acerca da História do *design* no Brasil.

Muitas das contribuições da tese em matéria de análise gráfica dos impressos foram permitidas por meio do exame microscópico de superfícies impressas. A colaboração inicial da pesquisadora Helena de Barros foi determinante para que se pudesse analisar o acervo dos periódicos estudados nesta tese. Muitas descobertas foram realizadas com o auxílio de microscópios, e acredita-se que as informações levantadas puderam auxiliar no entendimento do modo de produção e impressão dos impressos analisados.



Espera-se que as pesquisas aqui reunidas, principalmente abarcando a produção de inúmeras revistas ilustradas oitocentistas, possam de alguma forma contribuir para a construção da história da imprensa brasileira e, especialmente, para a história do *design* no Brasil. E, também, fomentar outros pesquisadores a mergulharem nesse rico e ainda inexplorado universo. Há, ainda, inúmeros artistas gráficos, periódicos, efêmeros e materiais gráficos de toda sorte aguardando serem trazidos à luz, nos diversos acervos espalhados pelo país.